



Dossiê: Literatura Indígena: teoria, prática e ensino

A IDEIA KOCH-GRÜNBERG E ELIZABETH AGASSIZ DE UM LUGAR-COMUM DE MULHERES AMAZÔNIDAS A PARTIR DAS PERSPECTIVAS DE GÊNERO

THE KOCH-GRUNBERG AND ELIZABETH AGASSIZ IDEA OF A COMMONPLACE OF AMAZONIAN WOMEN FROM GENDER PERSPECTIVES

Carliandra Macedo¹

ROR Universidade Federal do Amazonas

 carlymacedo3@gmail.com



Yoshiko Sassaki²

ROR Universidade Federal do Amazonas

 sassakiyo@uol.com.br



RESUMO: Estes escritos trazem importante contribuição para os estudos que envolvem a temática de mulheres na Amazônia. Carregando diferentes perspectivas, Elizabeth Agassiz e Theodor Koch-Grünberg movimentam uma ideia muito disseminada que existe um lugar comum para mulheres amazônidas. Para isto analisaremos a obra dos Agassiz (2000) Viagem ao Brasil 1865–1866, e as obras de Grünberg, Mitos e Lendas dos Índios Taulipang e Arekuna (1935); Dois anos entre os indígenas: viagens ao noroeste do Brasil (1903-1905) e também Do Roraima ao Orinoco: observações de uma viagem pelo norte do Brasil e pela Venezuela durante os anos de 1911 a 1913.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; História das Mulheres; Literatura; Viajantes.

ABSTRACT: These writings make an important contribution to studies involving the theme of women in the Amazon. Bringing different perspectives, Elizabeth Agassiz and Theodor Koch move a widespread idea that there is a common place for Amazonian women. For this we will analyze the work of Agassiz (2000) Journey to Brazil 1865 -1866, and the works of Grunberg, Myths and Legends of the Taulipang and Arekuna Indians (1935); Two years among the indigenous people: journeys to the northwest of Brazil (1903-1905) and also From Roraima to Orinoco: observations on a journey through northern Brazil and Venezuela during the years 1911 to 1913.

KEYWORDS: Gender; Women's History; Literature; Travelers.

REVISTA
Decifrar

(ISSN: 2318-2229)

Vol. 13, Nº. 26 (Jan-Jun/2025)

Informações sobre os autores:

1 Graduada em Licenciatura em História pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA-CESP) no ano 2020. Pesquisadora do grupo de estudos Históricos do Amazonas (GEHA/CNPQ/UEA). Mestranda no Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia PPGSCA-UFAM.

2 Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Federal do Amazonas (1980), mestrado em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1989) e doutorado em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1998). Atualmente é professora titular da Universidade Federal do Amazonas e concluiu seu pós-doutoramento na Universidade de São Paulo em 2017. Orienta discentes de doutorado e mestrado no PPGSCA e mestrado no PPGSS da UFAM.



10.29281/rd.v13i26.17864

Fluxo de trabalho

Recebido: 03/04/2025

Aceito: 01/07/2025

Publicado: 08/07/2025

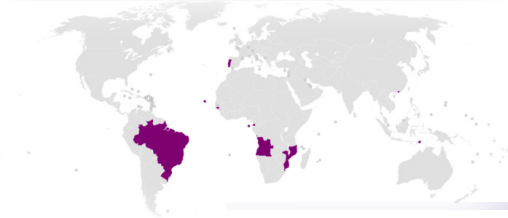
Editora da Universidade Federal do Amazonas (EDUA)

Programa de Pós-Graduação em Letras

Faculdade de Letras

Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELIP)





INTRODUÇÃO

A região amazônica atrai há muito tempo olhares que se voltam para sua diversidade e complexidade. A exemplo disto, o século XIX trouxe para si uma série de expedições científicas lideradas por naturalistas europeus e norte-americanos, motivados pela biodiversidade da região e pelo interesse em suas populações indígenas. Entre esses exploradores, destacam-se Elizabeth Agassiz e Theodor Koch-Grünberg, cujos relatos documentam não apenas a fauna e a flora, mas também as mulheres amazônidas.

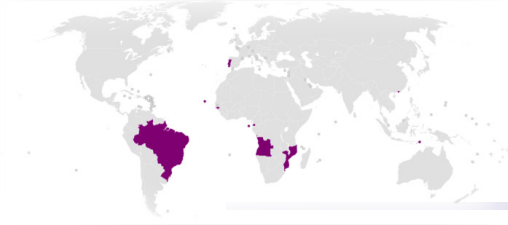
Essas obras não apenas descrevem as mulheres amazônidas do século XIX, mas também as categorizam dentro de um “lugar-comum” que as associa à natureza e à fertilidade, reforçando estereótipos patriarcais. Essa visão, no entanto, omite muitas das complexidades da vida das mulheres locais e a relação que elas mantinham com seus próprios contextos culturais. O estudo desses relatos oferece uma oportunidade de investigar como as mulheres foram vistas pelos observadores estrangeiros e como essas percepções continuam a influenciar a compreensão da mulher amazônida no imaginário contemporâneo.

Analisar os relatos destes dois autores sobre as mulheres amazônidas permite uma reflexão crítica sobre como o “lugar-comum” das mulheres na Amazônia foi construído a partir de uma perspectiva eurocêntrica e da ideia de subjugação colonial. As descrições presentes em seus textos são moldadas por visões exteriores que, muitas vezes, simplificam as complexas realidades socioculturais das mulheres locais, reduzindo-as a papéis subalternos ou estereotipados. Então, a pesquisa se justifica por oferecer uma visão crítica dessas representações e contribuir para a ampliação do debate sobre gênero, colonialismo e o lugar das mulheres na Amazônia.

A questão problema cinge-se em: Como eram vistas as mulheres pelos viajantes e naturalistas nas expedições realizadas na Amazônia - Agassiz e Grünberg? Destacando: Qual o lugar-comum da mulher amazônida?

O objetivo geral deste estudo é analisar as representações de gênero e o significado de “lugar-comum” das mulheres amazônidas nos relatos de Elizabeth Agassiz e Theodor Koch-Grünberg. Os objetivos específicos: 1) Identificar as representações das mulheres amazônidas nos textos de Agassiz e Koch-Grünberg; 2) Contextualizar os relatos e narrativas coloniais sobre a Amazônia das obras dos autores dentro de um quadro de gênero, com as teorias contemporâneas; e 3) Explorar, por comparação das obras dos autores, para entender o “lugar-comum” das mulheres amazônidas em relação a gênero e cultura.

A metodologia utilizada foi a partir da análise documental-histórica. Tendo como base os relatos de Elizabeth Agassiz e Theodor Koch-Grünberg serão analisados



as representações de gênero, considerando aspectos tanto de gênero como também culturais presentes nas descrições. Será dada especial atenção à abordagem comparativa nas passagens que associam as mulheres amazônidas à natureza e ao “lugar-comum” de subordinação.

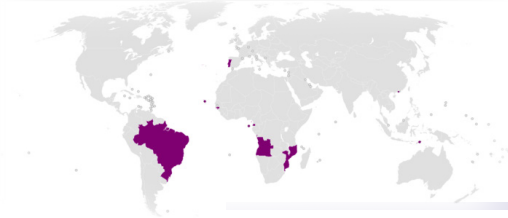
Durante o estudo optamos por uma abordagem qualitativa, baseada na análise de conteúdo e interpretação histórica. A divisão da escrita é feita em três capítulos, o primeiro deles enfatiza as descrições de mulheres sob a ótica de Elizabeth Agassiz, o segundo capítulo tem o mesmo objetivo, mas a partir das obras de Koch-Grünberg e o terceiro capítulo busca traçar uma comparação entre os autores a fim de identificar como ambos os relatos à luz dos estudos contemporâneos de gênero permitem desconstruir essas narrativas históricas, valorizando as realidades culturais das mulheres amazônidas e suas resistências às tentativas de domesticação e exotização.

1. PERSPECTIVAS DE AGASSIZ SOBRE AS MULHERES AMAZÔNIDAS: UMA ANÁLISE CRÍTICA

Para compreendermos os relatos de Elizabeth Agassiz e como ela visualiza as mulheres dentro da diversidade amazônica, é necessário primeiramente identificar essa mulher como sendo uma norte-americana nascida em Boston no ano de 1822, suas ideias e pensamentos sobre a Amazônia correspondem a época e lugar em que estava inserida durante toda sua vida. É importante destacar que a autoria do livro *Viagem ao Brasil 1865–1866* (Brasília: Senado Federal), é de dois autores: Luís Agassiz e Elizabeth Agassiz. Entretanto, a escrita feminina do livro nos oferece uma visão acerca das mulheres da Amazônia sob a perspectiva de uma viajante norte-americana^[1]. A autora estabelece um tipo de comparação entre os povos amazônicos que acabara de conhecer e aqueles a quem estava familiarizada, a elite americana, em uma visão de subjugo colonial.

A subjugação colonial consiste em considerar os indivíduos a serem colonizados como inferiores, enquanto aos ditos colonizadores recai o papel de assenhorear esses povos. Enrique Dussel (1993) destaca que a Europa tomou outras culturas, mundos, pessoas em objeto, sendo assim, aquilo que estava “coberto” tornou-se “descoberto” e posteriori “encoberto” como sendo o Outro. (Dussel, 1993 p.36).

É como o caso dos povos indígenas que habitavam o território brasileiro sendo subjugados pelos colonizadores europeus. Esse processo de subjugação colonial justificou diversos momentos históricos de repressão e opressão, tendo em vista que o Brasil foi colônia de Portugal por cerca de 300 anos e também foi subjugado por outros países, como a Espanha, França, Holanda, Alemanha e Itália. Os reflexos da colonização europeia no Brasil deixaram uma herança que pode ser visualizada desde os relatos de viagens dos naturalistas do século XIX, que visualizam os povos indígenas como um povo miserável



e atrasado, o que repercute até os dias atuais. É como afirma Godoy (2020) entender as consequências que a colonização e a colonialidade do poder trouxeram para a sociedade contemporânea, principalmente na produção das desigualdades fundadas nas identidades de classe, raça e gênero, é fundamental para pensar em perspectivas de transformação social. (Godoy, 2020 p.388).

Em sua obra Agassiz (2000) descreve a dança dos povos indígenas, segundo ela “Elas se negaram por muito tempo, mas enfim, com um embaraço devido sem dúvida a esse primeiro despertar da dignidade que o contato da civilização provoca cada uma delas deu a mão a um de nossos canoeiros e a dança começou”, (Agassiz, 2000 p.187), a autora assume o papel do civilizado e aos indígenas ela se refere como se somente a partir daquele momento eles estavam obtendo a dignidade necessária.

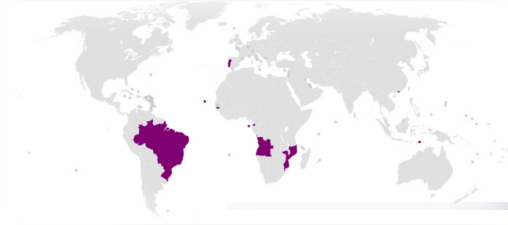
Há ainda o relato em que essa comparação é feita com as mulheres indígenas, quando ela destaca que os adornos de uma indígena não condizem com as suas vestes, para a autora utilizar cordão de ouro nada tinha a ver com sua vestimenta, “a dona dessa casa, uma índia velha, cujas jóias de ouro, gola de renda e brincos de orelha não condizem com a sua camisa de algodãozinho ordinário e sua saia de chita”. (Agassiz, 2000 p. 251).

Há diversos momento narrados por Elizabeth Agassiz (2000) que também remontam a essa ideia de comparação entre mulheres:

Dava gosto se ver com que perfeita cortesia a maioria dos brasileiros da nossa condição social servia em pessoa a essas senhoras índias, passavam-lhe os pratos, ofereciam-lhe vinhos, tratando-os com a mesma delicada atenção que teriam para com as mais altas damas da terra. As pobres mulheres se sentiam esqueléticas e embaraçadas; apenas ousavam tocar nas lindas coisas colocadas diante delas. (Agassiz, 2000, p. 253).

Duas dessas índias eram duas velhas horrendas, de formas secas e enrugadas, como o são as pessoas dessa raça no declínio da vida; mas a terceira era a índia mais elegante que já vi, e tinha, sem dúvida, algumas gotas de sangue branco nas veias, pois a cor de sua pele era mais delicada e os seus traços mais regulares do que costumam ser entre os índios. (Agassiz, 2000, p.276-275).

Elizabeth Agassiz (2000) pode ser considerada como uma representante do modo como a sociedade reconhece a participação das mulheres na construção da História, que mesmo no momento em que escreveu uma importante narrativa acerca da Amazônia, sua afirmação não é considerada sozinha, tendo que utilizar o nome de seu marido para obter certa validade na escrita histórica do século XIX. Consideramos que a autora escreveu o livro Viagem ao Brasil quase por completo, sua escrita é diferente e evidencia um ponto de vista feminino sobre o território principalmente por estar mais próxima de mulheres



indígenas durante a viagem, enquanto Louis Agassiz, seu esposo, possui breves aparições na obra, com poucas notas assinadas como L.A.

As mulheres contribuíram em diversos aspectos para construção da história, ainda que essa presença tenha sido silenciada em grande parte do tempo, como afirma Michelle Perrot (2005) “no que se refere ao passado, um oceano de silêncio, ligado à partilha desigual dos traços, da memória e, ainda mais, da História, esse relato que, por muito tempo, “esqueceu” as mulheres, como se, por serem destinadas à obscuridade da reprodução, inenarrável, elas estivessem fora do tempo, ou ao menos fora do acontecimento” (Perrot, 2005 p.09). Parece-nos frequente a ideia de silenciamento ou mesmo de apagamento da contribuição feminina para essas narrativas.

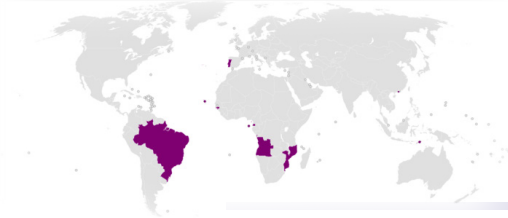
Durante o curso da leitura em *Viagem ao Brasil* (2000) é possível observar como a escrita feminina de Elizabeth Agassiz é presente nas páginas, ela é uma mulher inscrita num período histórico em que não se fazia uma análise dos papéis de gênero dentro da sociedade e desta forma é compreensível que se utilizasse de conceitos hoje questionados pela historiografia feminista.

E por falar em História podemos lembrar a passagem de Marc Bloch (2001) no seu famoso título *Apologia da História* que a define como a “ciência do homem no tempo”. Com este pensamento a historiografia feminista busca a acentuação de uma ciência das mulheres no tempo, e neste caso no tempo histórico em que se inserem os viajantes na Amazônia.

Nesses relatos de viagem ao lugar até então desconhecido, visualizamos o lugar-comum de mulheres amazônidas, são os estereótipos que caracterizam as mulheres, sendo vistas como tranquilas, sem vez e voz, onde o único a fazer é cuidar dos filhos, alimentar bem e manter o cuidado familiar. Na perspectiva de Agassiz (2000) notamos até mesmo uma visão mais romântica sobre as mulheres indígenas.

Já era dia feito quando fui acordada pelas mulheres da casa, trazendo-me, com seus bons-dias, um apanhado encantador de rosas e jasmins colhidos nas proximidades. Depois de uma tão amável atenção, não lhes pude recusar o prazer de assistirem à minha toalete, e ainda menos deixar de consentir que abrissem a minha maleta e retirassem dela, um a um, todos os objetos. (Agassiz, 2000, p.184).

Nessa passagem do relato de Elizabeth a visão romântica ou mesmo romantizada da experiência de viagem são um destaque, ao falar das mulheres amazônidas ela traz uma narrativa de que eram atenciosas, amáveis e tinham um cuidado especial para com ela.



1.1 REPRESENTAÇÕES E DESCRIÇÕES DAS MULHERES NOS RELATOS DE AGASSIZ

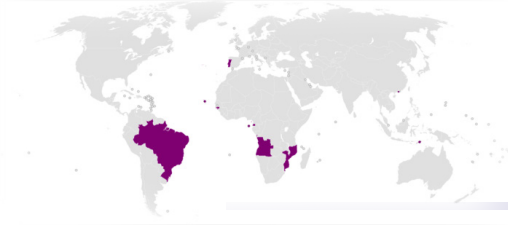
As mulheres mencionadas por Elizabeth Agassiz (2000) são principalmente mulheres indígenas conhecidas durante a expedição realizada entre 1865 e 1866 do Rio de Janeiro até o Amazonas. Dentro dessas narrativas visualizamos com clareza o modo como a escritora compreende a cultura, os costumes, a religião e o modo de viver das mulheres amazônidas, observamos além da visão romântica já mencionada anteriormente, uma profunda rispidez nas narrativas sobre essas mulheres indígenas, identificadas como selvagens, ingênuas ou mesmo como ‘pobres mulheres’, sujas e desarrumadas.

Agassiz (2000) utiliza uma descrição corriqueira de mulheres indígenas de forma pejorativa, até mesmo em um conteúdo de narrativas consideradas machistas e misóginas para os dias atuais. No entanto, essa é uma ideia muito comum para aquela época. Se a sociabilidade de mulheres como um todo era descredibilizada, para mulheres indígenas não seria diferente, nisto se incluem as vestimentas, o modo de viver, o fumo, as danças e outras características.

Quando mencionada a condição de uma população indígena acusada de ‘comer terra’ e segundo a escritora esse era o motivo pelo qual se encontravam muito doentes na região, Agassiz (2000) as descreve como “Essas miseráveis criaturas parecem absolutamente selvagens; tinham vindo da floresta e não sabiam uma palavra de português. Deitadas nas redes, ou estendidas no solo, na sua maioria nuas, elas soltavam gemidos, como presas de profundo sofrimento”. (Agassiz, 2000, p.226).

Outra particularidade identificada por Elizabeth Agassiz (2000) está envolta na própria perspectiva de gênero, numa divisão sexual dentro da sociedade indígena. Heloísa Lara Costa (2000) relembra que sendo o gênero uma categoria social, ao mesmo tempo que ela é organizada socialmente, ela também permeia e influi sobre a organização simbólica e concreta de toda a sociedade, desde as estruturas de produção, da propriedade, da distribuição da riqueza e formas de consumo, até a produção de valores e as formas de organização política. (Costa, 2000, p. 27).

Agassiz (2000) devido ao espaço-tempo em que estava inserida não delimita seu discurso utilizando o conceito de gênero, entretanto ele se faz presente em sua narrativa, segundo ela, a mulher indígena pode ter o exercício salutar e o movimento ao ar livre; conduz a sua piroga no lago ou no rio, ou percorre as trilhas das florestas; vai e vem livremente; tem as suas ocupações de cada dia; cuida da casa e dos filhos, prepara a farinha e a tapioca, seca e enrola o fumo, enquanto os homens vão pescar ou caçar; tem finalmente seus dias de festa para alegrar sua vida de trabalho (Agassiz, 2000, p. 260):



As mulheres índias, sujas de poeira, vestidas pela metade, com seus cabelos despenteados caindo sobre o rosto, se ocupam com os seus pequerruchos inteiramente nus ou socam mandioca num enorme pilão; os homens, que já voltaram da pesca, tendo a manhã sido melhor que de costume, acendem uma forja rudimentar e se põem a reparar alguns utensílios de ferro. (Agassiz, 2000, p.183).

Assim visualizamos como a própria Elizabeth faz essa divisão de gênero, para ela os afazeres domésticos são de responsabilidades das mulheres indígenas, elas cuidam dos filhos, mantém o ambiente limpo e organizado, todo o cuidado familiar recai sobre elas, ao ponto que os homens têm a tarefa de prover a casa, de caçar, pescar e fazer tudo aquilo considerado trabalho de homem, essa descrição de Agassiz não é diferente do conceito de patriarcado eurocêntrico.

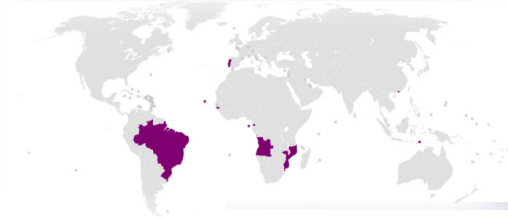
1.2 EFEITOS DAS DESCRIÇÕES DE AGASSIZ NA PERCEPÇÃO DAS MULHERES AMAZÔNIDAS AO LONGO DO TEMPO

Ainda que a produção de conceitos de mulheres amazônidas realizado por Elizabeth Agassiz (2000) seja vista em muitos aspectos como problemática nos dias de hoje, pois evidencia a mulher submissa e ingênua, sua contribuição para a historiografia da Amazônia e das mulheres indígenas é muito importante. É uma das pouquíssimas obras que menciona mulheres, que as observa e as descreve, isso porque se trata também de uma mulher que convive e escreve sobre outras mulheres, muito embora não fosse o objetivo da escritora ela consegue minimizar o silenciamento e apagamento historiográfico dessas personagens, mostrando como as mulheres estão presentes na região durante o século XIX.

Luis Agassiz é empenhado em seus trabalhos enquanto naturalista. No livro é possível identificar com clareza como ele realiza seus estudos, principalmente sobre os peixes da região. Ao ponto que Elizabeth se mantém com o trabalho de acompanhá-lo, o que era muito comum à época, diversos naturalistas viajavam em expedições acompanhados de suas esposas e como resultado esses viajantes publicaram livros de botânica, de história natural e as mulheres publicavam livros infantis.

Elizabeth Agassiz a partir da sua vivência acompanhada de mulheres indígenas consegue explorar um universo poucas vezes mencionado. É dessa maneira que ela consegue estabelecer a obra *Viagem ao Brasil* como relevante para as discussões de gênero e história das mulheres no Brasil.

Buscando um sentido que mostre como mulheres brasileiras foram vítimas de estereótipos desde o processo colonizador, Vainfas (2004) ao descrever o perfil das



mulheres que habitavam o continente no século XVI relembra o que Gilberto Freyre anteriormente escreveu:

As mulheres índias, essas sim, foram amantes dos portugueses desde o início e Freyre sugere que o foram até por razões priápicas. Mal desembarcavam no Brasil e os lusitanos já “tropeçavam em carne”, ele escreveu. As índias eram as “negras da terra”, nuas e lânguidas, futuras mães de Ramalhos e Caramurus, todas a desafiar, com seus parceiros lascivos, a paciência e o rigorismo dos jesuítas. (Vainfas, 2004, p.98).

A descrição de mulheres indígenas por muito tempo foi acompanhada desse lugar-comum, sendo visto em diversos outros relatos.

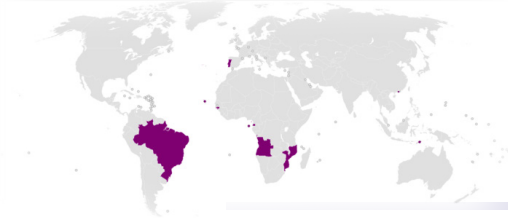
No entanto, não podemos deixar de mencionar como os pensamentos de Agassiz (2000) influenciaram o modo como são vistas as mulheres da Amazônia, baseadas em estereótipos, nesse lugar-comum das amazônidas mencionadas no decorrer da discussão. Assim como Elizabeth Agassiz, Theodor Koch-Grünberg também contribui para a formação desse pensamento social sobre a Amazônia e as mulheres da Amazônia.

2. IMAGENS DAS MULHERES AMAZÔNIDAS NOS TEXTOS DE KOCH-GRÜNBERG: UMA REVISÃO LITERÁRIA INTEGRADA DE SUAS OBRAS

Koch-Grünberg, vivenciou entre povos indígenas, como mostra a obra *Viagens ao noroeste do Brasil (1903-1905)* e por isso traz uma perspectiva etnográfica muito detalhada, focada na cultura indígena. Para visualizar o modo como Koch-Grünberg contribui para a propagação do pensamento social da mulher amazônida inserida em um “lugar-comum” utilizaremos suas obras de mais fácil acesso, a primeira é “*Mitos e Lendas dos Índios Taulipang e Arekuna (1935)*” “*Dois anos entre os indígenas: viagens ao noroeste do Brasil (1903-1905)*” e também “*Do Roraima ao Orinoco: observações de uma viagem pelo norte do Brasil e pela Venezuela durante os anos de 1911 a 1913*”. Nestes trabalhos Koch-Grünberg objetiva um estudo etnográfico detalhado dos povos indígenas da região amazônica.

O prefácio da obra *Mitos e Lendas dos Índios Taulipang e Arekuna (1935)* escrito por Herbert Baldus descreve qual o contexto etnográfico e metodológico da produção dos relatos de Grünberg. Segundo ele, o trabalho contém informações sobre distribuição geográfica, história, aparência física e cultura dos indígenas em questão. Além disso Grünberg realiza o chamado “trabalho extensivo”, que procura abranger o maior número possível de etnias, ao invés de limitar-se ao estudo “intensivo” de um único povo.

Contudo, Koch-Grünberg não tem como objetivo uma análise profunda das questões pertinentes ao gênero, ou mesmo a importância das mulheres para a cultura



ou modos de viver dos povos indígenas, no entanto a partir de seus escritos é possível visualizar como estavam inseridas as mulheres na região amazônica neste período, assim como contribui para construção historiográfica da Amazônia indígena.

O etnólogo realizou duas expedições ao Brasil, a primeira de 1903 a 1905 explorando as regiões dos rios Japurá e Negro e a segunda ocorrida entre os anos de 1911 a 1913, em que explorou o norte do Brasil e a Venezuela, partindo de Manaus e subindo o rio Branco até o Monte Roraima.

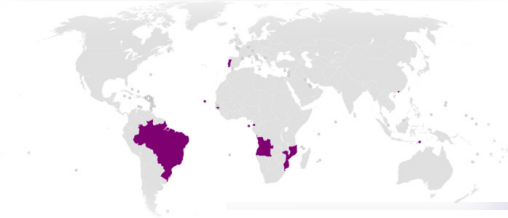
Theodor Koch-Grünber era um etnólogo e explorador nascido na Alemanha e que viveu entre os anos de 1872 e 1924. Durante sua vida e mesmo após a morte, Grünber ficou conhecido pelo seu trabalho etnográfico, de fotos, filmagens, desenhos e afins de povos indígenas que visitou, infelizmente muito de seu trabalho foi perdido ao longo dos anos. A produção realizada por ele é muito ampla, no entanto são pouquíssimas as obras traduzidas para o português, o que caracteriza uma dificuldade em acessá-las, o que limita o pesquisador.

2.1 CARACTERIZAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS NAS OBRAS DE THEODOR KOCH-GRÜNBERG

Agenor Cavalcante (2012) destaca que a obra de *Dois anos entre os indígenas* se propõe, a levar o leitor a adquirir as mesmas experiências do autor, que resultaram do convívio com os grupos étnicos nativos do noroeste amazônico entre os anos de 1903 e 1905. A estrutura do livro é a de um diário de campo. Os capítulos são organizados e divididos conforme o percurso da viagem. Neles estão dispostas informações geográficas, meteorológicas, geológicas, estudo de línguas indígenas, fotografias reveladas in situ, etc. (Vasconcelos Neto, 2012, p.15).

O etnólogo nos oferece uma visão sobre a distribuição, os usos dos recursos naturais e principalmente sobre o comportamento humano dos indígenas que ele visitou durante as expedições, trata-se de um olhar particular na etno-história, mas não é único. Ele os descreve em umas das passagens de sua obra como “Esta pobre gente vive a metade do ano na água, e a outra metade, na lama fedorenta, dependendo do escasso resultado das poucas roças ou da caça e pesca, entregues à malária e às febres paludícolas. Uma existência indigna, desumana! Porém, talvez sejam felizes, desconhecendo coisas melhores”. (Grünberg, 2005).

Esta é, talvez, umas das características mais mencionadas nos relatos dos viajantes até a região amazônica, existe a predominância em encontrar um “lugar-comum” para os povos indígenas, sempre pessoas consideradas como “pobre gente”, sem anseios



desenvolvimentistas. E isto poderia ser um resultado do pensamento eurocêntrico que deslegitima toda e qualquer forma diferente de cultura do homem branco europeu.

É como afirma Edgardo Lander (2005) na coleção sobre A colonialidade do saber “Na autoconsciência europeia da modernidade, estas sucessivas separações se articulam com aquelas que servem de fundamento ao contraste essencial estabelecido a partir da conformação colonial do mundo entre ocidental ou europeu (concebido como o moderno, o avançado) e os “Outros”, o restante dos povos e culturas do planeta. (Lander, 2005 p.08).

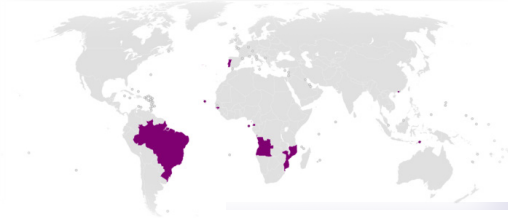
Sendo assim, a ideia eurocêntrica compreende que os pensamentos e o próprio fazer do europeu como sendo o Eu, o avançado e o moderno, e o Outro, que é o equivalente a outras culturas é identificado como atrasado.

Nessa sociedade onde ocorrem distintas maneiras de subjugo, as mulheres indígenas encontram-se em um nível ainda maior de discriminação. Souza-Logo (2021) ao trazer para o centro da discussão de gênero a temática acerca do trabalho, dominação e resistência, esclarece que os lugares ocupados por homens e mulheres, atravessam a cultura de uma sociedade são também imagens de poder, a construção da problemática das relações de gênero remete necessariamente à inversão dessas imagens, às formas de confrontação, portanto a necessidade e consequente importância dos estudos de gênero, para confrontar os discursos e imagens dos papéis das mulheres na sociedade.

As imagens que se tem nos relatos dos viajantes sobre as mulheres indígenas não estão ancoradas na conceituação de gênero, como já anteriormente mencionado. Quando relatadas, essas mulheres não estão inseridas em espaços destinados aos homens, existe de fato uma divisão sexual, tanto no trabalho como na vivência em geral. Kaingáng (2013) mulher indígena que destaca as relações de gênero em um trabalho mais recente nos oferece uma ótica de como funciona uma sociedade indígena¹.

As mulheres têm formas próprias de se impor, de se fazer ouvir, de fazer valer a sua “autoridade” e de comandar revoluções silenciosas no interior das suas aldeias, sem que isso fique explícito. Entre os kaingáng, por exemplo, recordo que meu pai, cacique durante muito tempo, trazia os problemas da comunidade para dentro de casa e os discutia com minha mãe. Embora ninguém mais soubesse, muitas das decisões e das soluções que ele adotava eram ideias dela. Como minha mãe, muitas outras mulheres kaingáangs participavam e participam na resolução de questões complexas que afetam as comunidades indígenas. Sabemos que também entre povos macro-jês essa é uma prática bastante comum, embora as mulheres não façam questão de comentá-la, numa espécie de “deixe que eles pensem que a ideia foi deles”. (Kaingáng, 2013, p. 200).

¹ É importante esclarecer que em diferentes sociedades indígenas os sistemas também são diferentes, em algumas delas encontraremos o sistema patriarcal, em que o homem é o chefe, em outras o sistema matriarcal é predominante. Kaingáng é da Terra Indígena Carreteiro, no Rio Grande do Sul onde o sistema patriarcal é estabelecido.



Nesse sentido, Koch-Grünberg apresenta em seus relatos, datados do século XIX um olhar etnográfico atento e marcado pelas concepções da época, buscava ainda assim compreender os modos dos quais viviam os indígenas, as crenças, as organizações sociais e culturais desses povos. Buscaremos no próximo tópico o realce da presença da mulher indígena em seus estudos, para assim, identificarmos as possíveis dinâmicas de gêneros e as posições que mulheres ocupavam nessa sociedade.

2.2 LUGAR DA MULHER AMAZÔNIDA NOS RELATOS DE KOCH-GRÜNBERG

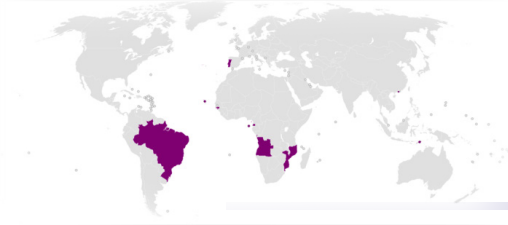
É possível fazer uma associação de pensamentos entre Schopenhauer, Nietzsche e Koch-Grünberg que esteja para além da nacionalidade Alemã? A verdade é que ambos os filósofos – Schopenhauer e Nietzsche – compartilham de uma misoginia e um machismo construído socialmente, e baseado na temporalidade em que estão inseridos, no século XIX. Esta é uma observação feita durante o curso de Formação do Pensamento Social da Amazônia no Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia pelo professor Dr. Agenor Cavalcante que ao se aprofundar sobre o trabalho de Koch-Grünberg encontra a passagem “Schopenhauer e Nietzsche poderiam fazer pesquisas aqui”.

Partimos as 10 horas com o rapaz e duas mulheres. A mais jovem está levando a mala pesada. Seguimos para noroeste ao longo da margem esquerda do Wö'séto, que forma ininterruptamente retumbantes cataratas e corredeiras desenfreadas [...] O homem quer voltar. Diz que não trouxe rede de dormir e usa de pretextos habituais em tais casos. Provavelmente, as mulheres são culpadas por essa repentina mudança de opinião. Quando elas estão junto, nunca se pode fazer nada direito com esses senhores da Criação. Schopenhauer e Nietzsche poderiam fazer pesquisas aqui. (Koch-Grünberg, 2006, p. 40).

Esses dois filósofos são cruciais para que compreendamos o que de fato está por trás desse relato encontrado em Koch-Grünberg (2006).

Arthur Schopenhauer (2000) em *Metafísica do Amor e Metafísica da Morte* expressa seus ideais misóginos em relação a mulheres. Na obra, o filósofo acentua quais são deveres e afazeres de mulheres dentro da sociedade e principalmente no casamento, como o trabalho de cuidar e dirigir a primeira infância dos filhos. É muito evidente o modo como o filósofo alemão distingue homens e mulheres e qual dos personagens é o mais relevante socialmente.

O homem pode, comodamente, procriar mais de cem crianças em um ano, se um número igual de mulheres estiver à sua disposição, enquanto a mulher, mesmo com tantos homens, só traz uma criança ao mundo em um ano (excetuando-se o nascimento de gêmeos). Por isso ele está sempre



em busca de outras mulheres; ela, ao contrário, apegase firme a um único homem, pois a natureza a impele, instintivamente e sem reflexão, a conservar o provedor e protetor da futura prole. (Schopenhauer, 2000, p. 22).

Frederich Nietzsche não é muito diferente, defende quais os lugares que devem ser ocupados pelas mulheres, e este lugar não deve ser na ciência, na igreja ou mesmo na política, seu lugar está destinado ao silêncio.

E não é talvez verdadeiro que, em termos gerais, que quem demonstrou maior descaso pelas mulheres sempre foram as próprias mulheres? — Não certamente nós, homens. — Nós, homens, desejaríamos que a mulher não continue a comprometer-se pelo lume do progresso; do mesmo modo que se deve à previdência e ao consentimento do homem se a Igreja decretou: *mulier taceat in ecclesia!* Foi para vantagem das mulheres que Napoleão disse à demasiado loquaz madame De Staël: “*mulier taceat in politicis*” e eu sustento que é um verdadeiro amigo das mulheres aquele que atualmente as aconselha: *mulier taceat de muliere*. (Nietzsche, 2001, p.233)

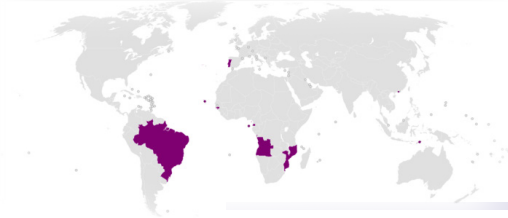
Grünberg (2006) ao relatar que Nietzsche e Schopenhauer poderiam fazer trabalho aqui, na verdade lança uma crítica àquela sociedade que permite a influência de mulheres em decisões importantes para a aldeia.

O poder influente da mulher indígena é observado em outras passagens nas obras de Koch- Grünberg “Era muito notável, em geral, a influência da mulher. Para continuar a viagem, eu quis comprar algum peixe moqueado. O dono disse que a mulher dele tinha que decidir, pois o peixe lhe pertencia”. (Koch- Grünberg, 2005, p.273).

É neste sentido que Koch- Grünberg (2006) utiliza como referência esses filósofos, para dizer que Schopenhauer e Nietzsche, dois autores comprovadamente misóginos, teriam um forte julgamento ao visualizarem quais os lugares ocupados por mulheres nessa sociedade indígena, muito diferente da sociedade alemã do século XIX. É uma região que coloca mulheres com poder e influência sobre diversos aspectos, como na divisão de trabalhos na aldeia.

2.3 ASPECTOS SOCIAIS E LABORAIS DAS MULHERES AMAZÔNIDAS NAS OBRAS KOCH-GRÜNBERG

Como bem mencionado, este autor traz em seus relatos uma divisão entre homens e mulheres indígenas na região amazônica, essa divisão é social, mas também se refere a uma divisão de trabalho, aquilo que está destinado como sendo trabalho de homem e trabalho de mulher.



Grünberg, identifica o modo como ocorre a divisão do trabalho nas aldeias, segundo ele os papéis sexuais laborais são bem definidos, homens e mulheres possuem trabalhos diferentes, isso é facilmente visualizado na passagem “depois dos homens, comem as mulheres, conforme os bons costumes daí. Então, cada um sai para as suas ocupações: os homens para caçar e pescar, as mulheres para trabalhar nas roças, e na aldeia reina um silêncio de paz” (Koch-Grünberg, 2005, p. 99)

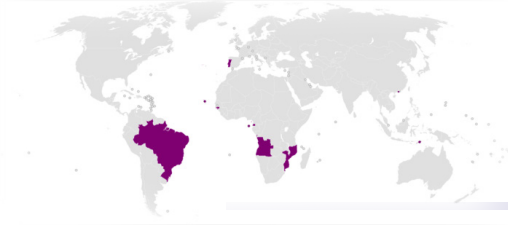
Essa mesma divisão de trabalho é expressada por Grünberg em outra ocasião “cada manhã, frequentemente muito antes do nascer do sol, os homens alumando-se com fachos, iam pescar, e no romper do dia as mulheres saíam para as roças” (Koch-Grünberg, 2005, p. 269).

Iraildes Caldas Torres (2004) é enfática ao apontar como funcionam as relações de trabalho na Amazônia, segundo ela, não podem ser representadas apenas pelo trabalho industrial, que é uma modalidade relativamente nova na Amazônia Ocidental, no entanto, deve-se reconhecer que a economia da Amazônia desde a colonização portuguesa até meados do século XX, tem sido marcada pelo extrativismo, como é visto nos escritos Grünberg ao dizer que as mulheres se ocupam da roça e homens da caça e pesca.

Neste mesmo sentido, Grünberg descreve o trabalho de mulheres indígenas:

Quando o sol sobe mais alto e o calor torna insuportável o trabalho ao ar livre, as mulheres voltam aos poucos, inclinadas e ofegantes, debaixo da carga pesada dos grandes uaturás, cheios de tubérculos de mandioca, que lhes pendem nas costas, sustentados por uma faixa de embira apoiada na testa. A criança caçula, que ainda não pode dispensar os cuidados atenciosos da mãe, vai assentada na anca da mãe, ligeiramente abraçada ou sonecendo na larga faixa de entrecasca vermelha, junto do peito da mãe que com uma folha de bananeira ou com uma pequena peneira defende-lhe a cabecinha delicada dos raios agudos do sol. Logo que voltam, as mulheres trabalhadeiras passaram a elaborar os recursos trazidos. Daqui a pouco, chegam também os homens com a presa que as águas piscosas lhes permitiram. As mulheres cozinham peixes com muita pimenta para a refeição vespertina que tomam pelas seis horas. Repetem-se as cenas vistas de manhã. (Koch-Grünberg, 2005, p. 99).

Este é um dos escritos de Koch-Grünberg que mostra a mulher sob a ótica do homem branco, não somente a mulher indígena, mas mulheres de modo generalizante, são elas que cuidam da casa e dos filhos, preparam as refeições para que seus maridos possam sair para o trabalho de fato. Saffioti (1987) destaca quais são os papéis de homens e mulheres numa determinada sociedade, e esclarece que eles são definidos socialmente, ou seja, a identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. Sendo assim, a socialização dos filhos é uma tarefa das mulheres,



ainda que essas mulheres estejam em outras atividades remuneradas, a responsabilidade última pela casa e pelos filhos é imputada ao elemento feminino. (Saffioti, 1987, p. 09).

3. CONSTRUÇÃO E IMPACTO DO “LUGAR-COMUM” DAS MULHERES AMAZÔNIDAS NOS TEXTOS ANALISADOS

No curso das diferentes leituras propostas para este estudo identificamos aspectos associados a ideia de lugar-comum em que estão inseridas as mulheres da região amazônica no período que compreende o início do século XIX. No entanto, esclarecemos também tratar-se de período histórico em que não se discutiam questões que hoje fazem parte do fazer acadêmico, como é o caso de mulheres, indígenas, negros e todos aqueles que foram colocados às margens na história.

Nesse momento buscamos responder o seguinte questionamento “as representações históricas das mulheres amazônidas nos textos de Elizabeth Agassiz e Theodor Koch-Grünberg tiveram um impacto duradouro na forma como a Amazônia e seus habitantes são percebidos e tratados na política e na cultura contemporâneas?

Para isto, lembremos da Constituição Federal de 1988 que afirma no artigo 5º que todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza². Há ainda a Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas de 2008.

Afirmando que os povos indígenas são iguais a todos os demais povos e reconhecendo ao mesmo tempo o direito de todos os povos a serem diferentes, a se considerarem diferentes e a serem respeitados como tais. Afirmando também que todos os povos contribuem para a diversidade e a riqueza das civilizações e culturas, que constituem patrimônio comum da humanidade³.

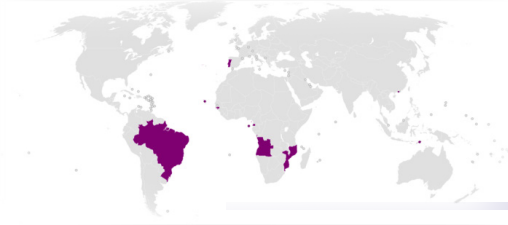
No entanto, até que ponto essas ações afirmativas de fato incluem em direitos básicos as minorias historicamente excluídas, como é o caso de negros, mulheres, indígenas, imigrantes? E nesse sentido, principalmente as mulheres indígenas?

Destacar as pesquisas feitas por/para mulheres indígenas pode ser um componente forte para minimizar as desigualdades existentes, pois, ainda que esteja promulgada em Lei, esses direitos ainda são fortemente negados.

Não é possível fazer uma pesquisa para descortinar as desigualdades de gênero sem considerar as muitas particularidades em que se inserem as mulheres, e nesse sentido,

2 Brasil. Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.

3 Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas. Nações Unidas, Rio de Janeiro 2008.



pensar as mulheres amazônidas muito além desse lugar-comum. Chaves e César (2019) pontuam que essas mulheres que vivem na região amazônica são triplamente silenciadas, espoliadas pela lógica capitalista, tendo seus corpos confundidos com mercadorias ou propriedade. Silenciadas pela história que as identifica como mulheres selvagens ou desimportantes.

Este é o mesmo conceito encontrado nas obras de Elizabeth Agassiz e Theodor Koch-Grünberg, são mulheres desimportantes, ainda que mostrem seus lugares na sociedade indígena da época. Lembrando que ambos os autores desconhecem as realidades do lugar e muitas vezes traçam paralelos com as vivências de outras regiões.

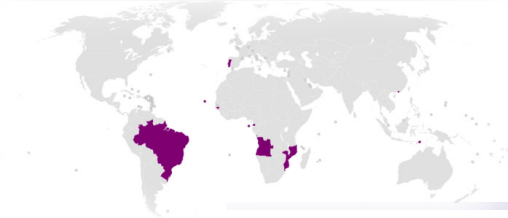
Em diversas passagens do livro de Elizabeth Agassiz (2000) fica perceptível como a autora, não habituada aos modos de viver da Amazônia, se escandaliza ao vivenciar relações sociais diferentes daquelas que ela conhecia. Um exemplo disto verificamos nos relatos relacionados aos pais dos filhos de mulheres indígenas, para a autora apropriado seria que ambos, homem e mulher estivessem juntos, entretanto, as mulheres indígenas nada se incomodavam ao recordar o fato de que seus filhos “não tinham pai”, a naturalidade em que contavam sobre isso assustava a senhora Agassiz (Agassiz, 2000, p. 258).

Isso também vale para Koch-Grünberg, quando o autor faz uma comparação da chefia indígena amazônica com a alemã “[...] A gente poderia comparar este sistema de chefia e sua competência com o cargo do alcaide da aldeia alemã (Dorfschultze); o conselho comunitário daqui corresponde à sociedade dos homens casados de lá.” (Koch-Grünberg, 2005, p. 94).

3.1 FORMAÇÃO DO ESTEREÓTIPO DAS MULHERES AMAZÔNIDAS

Compreendendo que a identidade social é socialmente construída não se pode afirmar que em absolutamente todas as sociedades, brancas, negras ou indígenas, as discriminações ocorrem da mesma maneira, como muito visto nos relatos dos viajantes Theodor Koch-Grünberg e Elizabeth Agassiz.

Neste sentido, Heleieth Saffioti (1987) ao relembrar o caso de mulheres indígenas que agem diferentemente das mulheres consideradas modernas que dão à luz a seus filhos em hospitais e seguem restrições alimentares no pós-parto, no caso de mulheres indígenas isto não é natural a essa sociedade, são condições sociais diferentes. A autora é enfática ao demonstrar a ótica da diferença, é preciso considerar os contrastes sociais, não se pode afirmar que sempre e em todos os lugares as mulheres se ocuparam do espaço doméstico, assim como ao homem o trabalho braçal, isso elimina as diferenciações históricas e ressaltam-se os característicos naturais dessas funções. (Saffioti, 1987, p. 11)



“O destino da mulher é a família e a costura (...). Ao homem, a madeira e os metais, a mulher a família e os tecidos”. Essa é uma citação trazida por Michelle Perrot (2005) para demonstrar quais eram os papéis destinados aos homens e mulheres na sociedade no século XIX, na temporalidade de Koch-Grünberg, habitualmente marcada pela divisão sexual do trabalho.

Em outra passagem de Koch-Grünberg, agora na obra *Mitos e Lendas dos índios Taulipáng e Arekuná* (1953), o autor também aborda a temática sobre o “trabalho de mulher”.

“Fechou a casa, foi pescar e deixou a filha do urubu-rei. Então a filha do urubu-rei transformou-se numa mulher. Havia muito milho na casa. Debulhou o milho, amassou-o no pilão, colocou uma panela no fogo e fez todo o trabalho de uma mulher. Fez também caxirí, que botou numa cabaça. Depois transformou-se novamente num urubu, porque ainda estava envergonhada diante do homem”. *A VISITA AO CÉU* (Narrado por Mayuluaíp’ij, índio Taulipáng). (Koch- Grünberg, 1953, p. 89).

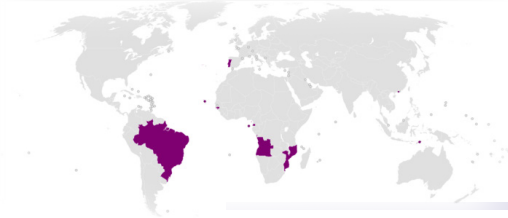
Ainda que Koch-Grünberg enfatize qual o lugar da mulher nessa sociedade indígena, também demonstra como faz parte do cotidiano delas a realização de trabalhos que envolvem força bruta, naturalmente associados ao homem. É comumente associado o lugar de influência e importância das mulheres no cotidiano da aldeia, o autor identifica o ser feminino como a principal personalidade para a produção do Caxirí, uma bebida muito tradicional em povos indígenas na Amazônia, “A mulher, além de mastigar, tem o verdadeiro monopólio da preparação do caxirí: na grande peneira trançada, colocada em um suporte tripé de madeira, ela espreme a massa marrom, pastosa”. (Koch-Grünberg, 2005, p. 90).

3.2 CRÍTICAS E REVISÕES CONTEMPORÂNEAS DAS IMAGENS HISTÓRICAS

Não se pode deixar de fora os novos fazeres historiográficos da temática de gênero e história das mulheres, isto se deve a inegável participação do movimento feminista. Margareth Rago (1995) esclarece que as pressões e demandas do movimento feminista, de meados da década de 1970, assim como a entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho e na vida acadêmica forçaram uma quebra do silêncio das historiadoras.

É a partir dessa quebra do silêncio que se produz uma gama diversificada de produções femininas, e ademais, produções que focalizam os estudos sobre mulheres em contextos sociais nunca antes mencionados.

Raminelli (2004) faz um apanhado bibliográfico sobre as produções de viajantes e naturalistas no Brasil colônia, é interessante notar que o autor aponta a uma premissa



também voltada para o estereótipo da mulher indígena, o mesmo visto nos relatos de Agassiz e Koch- Grünberg, de mulheres sujas e descuidadas, e também uma ideia muito difundida de indígenas e creditada até os dias de hoje, de que eram comedores de carne humana e praticavam todos os tipos de atrocidades.

Se as índias belas e jovens dominam a iconografia, as velhas recebem atenção especial nas narrativas dos missionários e viajantes. Quando Yves d'Evreux estabelece as "classes de idade", ressalta o aspecto físico das velhas e suas funções no preparo do *cauim* e no repasto canibal, tarefas pouco edificantes na ótica europeia. O religioso francês descreve as anciãs como sujas, porcas, descuidadas da higiene, enrugadas, de seios caídos e com um desejo incontrolável de comer a carne do inimigo. (Raminelli, 2004, p. 29).

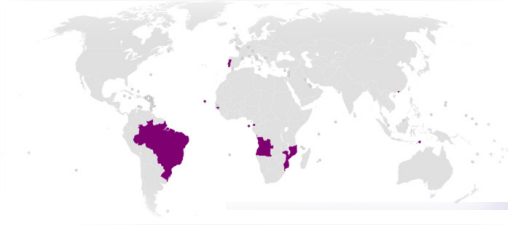
Louise Tilly (1994) nos ajuda a compreender um pouco mais sobre mulheres, sobre gênero e também história, a autora destaca que ainda que definidas pelo sexo, as mulheres são algo além de uma categoria biológica, afinal estão inseridas socialmente, são pessoas do sexo feminino de diferentes idades, de diferentes situações familiares, pertencentes a diferentes classes sociais, nações e comunidades, suas vidas são modeladas por diferentes regras sociais e costumes, em um meio no qual se configuram crenças e opiniões decorrentes de estruturas de poder. Tendo isto em mente, podemos observar a problemática nas obras de Agassiz e Koch- Grünberg, pois as colocam como iguais, não se consideram as diferenças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente falando, o espaço destinado às mulheres sempre foi um alvo de contradições, de discussões acaloradas e mesmo de silenciamentos. Quando se discute esse lugar da mulher amazônida o discurso não é diferente, a própria história das mulheres só passou a ter destaque a partir dos anos de 1960 com a popularização do movimento feminista. Desta forma, os relatos de viajantes e naturalistas datados por volta de 1865 e 1903 não se preocupavam em oferecer uma visão crítica ou analítica das representações femininas na Amazônia.

A verdade é que mulheres sempre precisaram se afirmar, gritar que estiveram presentes em diferentes contextos históricos, que existiam em espaços sociais, de trabalho ou de luta. Na região amazônica não é de todo modo diferente, no entanto é perceptível a intensidade desse silenciamento.

Cristina Wolff (1998) em um tempo mais recente destaca a presença de mulheres nos seringais da Amazônia, ao contar a história das mulheres da floresta do Alto Juruá,



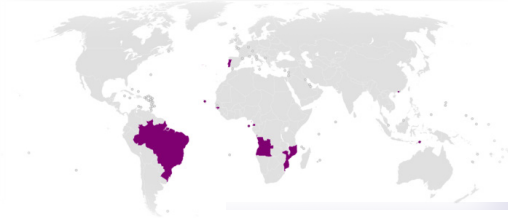
demonstra um exemplo de presença feminina no contexto amazônico, presença está muito questionada ao longo da historiografia brasileira. Mulheres identificadas como “amazônidas” estavam presentes mesmo antes da colonização portuguesa, e se mantiveram em toda trajetória de cerca de quinhentos anos de Brasil, seja nos tempos coloniais, seja nos seringais, e mesmo na contemporaneidade, ainda que sua presença esteja encoberta pelo discurso do homem branco e elitizado.

Elizabeth Agassiz (2000) e Theodor Koch-Grünberg a partir de suas vivências acompanhados de indígenas da região amazônica, conseguem explorar um universo poucas vezes mencionado, como a questão feminina. É desta maneira que os autores se estabelecem em suas obras como relevante para as discussões de gênero e história das mulheres no Brasil. Não podemos deixar de mencionar como os relatos de Agassiz e Grünberg influenciaram o modo como são vistas as mulheres da Amazônia, baseadas em estereótipos, nesse “lugar-comum” das amazônidas mencionadas no decorrer da discussão.

Durante esse estudo, conseguimos evidenciar as presenças femininas na região amazônica, além da presença também sua importância, as características e o seu lugar, que está muito além desse estereótipo empregado por naturalistas oitocentistas. É incontestável que a historiografia voltada para mulheres e estudos de gênero avançaram muito nos últimos anos, e é necessário que continue nesse processo de retomada de uma história vista de baixo.

REFERÊNCIAS

- AGASSIZ, Elizabeth. AGASSIZ, Louis. **Viagem ao Brasil 1865–1866**. Brasília: Senado Federal. 2000. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1048/584305.pdf?sequence=4&isAllowed=y>. Acesso em 14 de setembro de 2024.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- COSTA, Heloísa Lara Campos da. **No limite do possível: as mulheres e o poder na Amazônia 1840-1930**. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- DUSSEL, Enrique. **1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade: Conferencias de Frankfurt**. Tradução: Jaime A. Clasen. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes 1993.



GODOY, Guilherme Lassabia. **Colonização e descolonização**: fundamentos da dominação Ocidental e perspectivas de transformação. Rev. Sociologias Plurais, v. 7, n. 1, p. 387-410, jan. 2021.

KAINGÁNG, Azelene. Indígenas: Depoimento de uma militante. In: **Nova História das mulheres no Brasil** / organizadoras Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro. – 1. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2013.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. **Do Roraima ao Orinoco: observações de uma viagem pelo norte do Brasil e pela Venezuela durante os anos de 1911 a 1913**. Tradução: Cristina Alberts-Franco. Editora UNESP, 1º Edição. 2006.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. **Dois anos entre os indígenas: viagens ao noroeste do Brasil (1903-1905)**/– Manaus: EDUA/FSDB, 2005.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. **Mitos e lendas dos índios Taulipáng e Arekuná**. Tradução de Henrique Roenick. Revista do Museu Paulista, S.N., Vol.VII. São Paulo 1953.

LANDER, Edgardo. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino americanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005.

NIETZSCHE, Frederick. **Para além do bem e do mal** ou o prelúdio de uma filosofia do futuro. Tradução: Márcio Pugliesi. Universidade de São Paulo. 2001.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução: Viviane Ribeiro – Bauru SP: EDUSC. 2005.

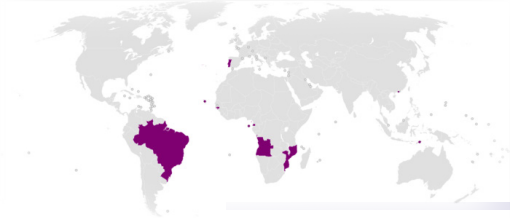
RAGO, Margareth. **As mulheres na historiografia brasileira**. Cultura Histórica em Debate. São Paulo: UNESP, 1995.

RAMINELLI, Ronald. Eva Tupinambá. In: **História das mulheres no Brasil** / Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). 7. ed. – São Paulo : Contexto, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. (Coleção Polêmica) – São Paulo: Moderna, 1987.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do amor, metafísica da morte**. Tradução Jair Barboza; revisão técnica Maria Lúcia Mello Oliveira. Cacciola.- São Paulo: Martins Fontes, 2000.- (Clássicos).

SOUZA-LOBO, Elisabeth. **A classe operária tem dois sexos**: trabalho, dominação e resistência. 3 ed. São Paulo: Perseu Abramo, Editora Expressão Popular, 2021.



TORRES, Iraíldes Caldas. **Noção de trabalho e trabalhadores na Amazônia**. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. A questão Social no novo milênio. Coimbra, 2004.

VAINFAS, Ronaldo. Homoerotismo feminino e o Santo ofício. In: **História das mulheres no Brasil** / Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). 7. ed. – São Paulo : Contexto, 2004.

VASCONCELOS NETO, *Agenor Cavalcanti* de. **O sentido metafísico na descrição etnográfica de Koch-Grünberg**: o demônio, a máscara e o falo. Dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia. Manaus, 2012.